

**A PRESENÇA CHIQUITANA EM PORTO ESPERIDIÃO:**

um olhar a decolonialidade a partir de brincadeiras

**THE CHIQUITANO PRESENCE IN PORTO ESPERIDIÃO:**

a look at decoloniality through play

**LA PRESENCIA CHUIQUITANA EN PORTO ESPERIDIÃO:**

una mirada a la decolonialidad a través del juego

Adriane Cristine Silva <sup>1</sup>

Beleni Salete Grando <sup>2</sup>

**RESUMO:**

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, na Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Tem como objetivo compreender o brincar como espaço formativo que expressa a realidade vivida por crianças na fronteira Brasil-Bolívia, na Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, buscando identificar e descrever as práticas sociais do brincar de estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no município de Porto Esperidião (MT). Trata-se de uma pesquisa participante que se desenvolve a partir da análise do cotidiano escolar e das vivências das crianças, utilizando a etnografia do cotidiano como abordagem metodológica. O estudo dialoga com pesquisas sobre relações étnico-raciais no contexto da história e cultura Chiquitano, considerando a presença desse povo originário na região de fronteira. Nessa perspectiva, busca-se compreender as brincadeiras a partir do reconhecimento de suas práticas sociais, bem como dos sentidos e significados que produzem na formação social das crianças que vivem na área urbana de Porto Esperidião. A investigação se sustenta no diálogo entre culturas e na

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação, UFMT; SEDUC – MT – Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMT); Membro do Grupo de Pesquisa COEDUC. Orcid: 0000-0003-4387-232X. E-mail: [adriane cristine2011@gmail.com](mailto:adriane cristine2011@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, UFSC; UFMT – Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMT); Coordenadora do Grupo de Pesquisa COEDUC. Orcid: ORCID 0000-0002-5491-2123. E-mail: [beleni.grando@gmail.com](mailto:beleni.grando@gmail.com)

educação em uma perspectiva intercultural crítica, orientada por um viés decolonial, situando a escola da fronteira Brasil–Bolívia como espaço de coexistência e negociação de saberes.

**Palavras-chave:** Educação. Cultura. Decolonialidade.

**The Chiquitano Presence in Porto Esperidião:** A Decolonial Perspective Through Play.

**ABSTRACT:**

This article was developed within the Research Group “Body, Education, and Culture,” linked to the Graduate Program in Education at the Federal University of Mato Grosso, in the Research Line “Social Movements, Politics, and Popular Education.” Its aim is to understand play as a formative space that expresses the lived reality of children on the Brazil–Bolivia border, at Maria Gregória Ortiz Cardoso Municipal School, seeking to identify and describe the social practices of play among early elementary school students in the municipality of Porto Esperidião (MT).

This is a participatory research project grounded in the analysis of daily school life and children’s experiences, using the ethnography of everyday school life as a methodological approach. The study dialogues with research on ethnic-racial relations within the context of Chiquitano history and culture, considering the presence of this Indigenous people in the border region. From this perspective, the research seeks to understand children’s play by recognizing their social practices and the meanings they produce in the social formation of children living in the urban area of Porto Esperidião. The investigation is anchored in intercultural dialogue and education from a critical intercultural and decolonial perspective, positioning the school on the Brazil–Bolivia border as a space of coexistence and negotiation of knowledge.

**Keywords:** Educacion. Culture. Decoloniality

**La presencia chiquitana en Porto Esperidião:** una mirada a la decolonialidad a partir de los juegos.”

**RESUMEN**

Este artículo fue desarrollado en el marco del Grupo de Investigación Cuerpo, Educación y Cultura, vinculado al Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Mato Grosso, en la Línea de Investigación Movimientos Sociales, Política y Educación Popular. Tiene

como objetivo compreender el juego como un espacio formativo que expresa la realidad vivida por niñas y niños en la frontera entre Brasil y Bolivia, en la Escuela Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, buscando identificar y describir las prácticas sociales del juego entre estudiantes de los primeros años de la Educación Primaria, en el municipio de Porto Esperidião (MT). Se trata de una investigación participante que se desarrolla a partir del análisis del cotidiano escolar y de las vivencias de las niñas y los niños, utilizando la etnografía del cotidiano escolar como enfoque metodológico. El estudio dialoga con investigaciones sobre relaciones étnico-raciales en el contexto de la historia y la cultura Chiquitana, considerando la presencia de este pueblo originario en la región fronteriza. Desde esta perspectiva, se busca comprender los juegos infantiles a partir del reconocimiento de sus prácticas sociales, así como de los sentidos y significados que producen en la formación social de las niñas y los niños que viven en el área urbana de Porto Esperidião. La investigación se sustenta en el diálogo intercultural y en una educación desde una perspectiva intercultural crítica y decolonial, situando la escuela de la frontera Brasil-Bolivia como un espacio de coexistencia y negociación de saberes.

**Palabras clave:** Educación. Cultura. Decolonialidad.

## **INTRODUÇÃO**

Com o intuito de problematizar a educação e as relações étnico-raciais na fronteira Brasil–Bolívia, território onde vivo e atuo como professora busco compreender as infâncias e as práticas do brincar nesse contexto. Trata-se de fortalecer, no espaço escolar, os vínculos entre as crianças e seus pares, e assim potencializar saberes ancestrais provenientes de seus núcleos familiares. Nesse cenário, emergem tensões entre processos de autonomia e movimentos de submissão a uma perspectiva escolar monocultural, ainda dominante, embora orientada por discursos que anunciam a importância de uma educação intercultural. A criança aqui situada é o centro deste estudo, está inserida no cotidiano escolar, é compreendida a partir de seus traços identitários constituídos no seio familiar, espaço de produção de sentidos e práticas culturais. É nesse contexto que observo o brincar na escola, entendido como um ritual de ser criança e de interação com o outro.

Nesse sentido, a partir das primeiras aproximações que se constituirá a tese de doutoramento — e considerando minha atuação como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e como formadora municipal em um programa governamental voltado à alfabetização na idade certa —, observo, em minhas andanças pelas escolas da região de fronteira em Porto Esperidião, que as crianças brincam, desejam brincar e carregam de seus lares vestígios de brincadeiras próprias de suas famílias. Tais brincadeiras são recriadas e adaptadas ao contexto em que vivem e aos materiais de que dispõem para exercê-las no ambiente escolar. Assim, buscamos tecer reflexões a partir das brincadeiras das crianças da Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, localizada na área urbana do município e que atende o Ensino Fundamental I, do primeiro ao quinto ano. O estudo também procura dialogar com as orientações da Base Nacional Comum Curricular, especialmente com a primeira competência geral da Educação Básica, que destaca a importância do desenvolvimento integral do estudante, incluindo dimensões culturais, sociais e identitárias.

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (Brasil, 2018, p.9)

Esta pesquisa será desenvolvida no município de Porto Esperidião, na Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, instituição que integrou o projeto que norteou a Pesquisa de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, constituindo-se como espaço das primeiras aproximações para a compreensão do cenário investigativo. Cujo objetivo é investigar a educação da criança Chiquitano, na área urbana de Porto Esperidião. Nesse sentido, com o propósito de compreender uma educação que fortaleça o povo enquanto grupo étnico que constitui a base da sociedade de Porto Esperidião, a pesquisa parte do cenário escolar, espaço marcado pela diversidade local. Busca-se, assim, refinar o olhar do pesquisador para compreender quais práticas educativas contribuem efetivamente para o fortalecimento identitário e cultural desse povo.



Em uma perspectiva que ultrapassa o currículo escolar, mas que se ancora na realidade local e nos ensinamentos de Paulo Freire, busca-se compreender o alunado dentro de uma totalidade, considerando o contexto escolar que o envolve, sua realidade social e cultural, e os saberes constituídos no núcleo familiar e fortalecidos nas relações sociais. Nessa trajetória de aproximadamente 26 anos como profissional da educação e pesquisadora dos movimentos que atravessam a vida escolar, observo, em meu contato cotidiano, o alarido das crianças na chegada à escola e, sobretudo, no intervalo — momento em que se nutrem tanto pela alimentação oferecida quanto pelo brincar. É nesse vigor que antecede a correria que frequentemente escuto o enunciado: “Quem quer brincar põe o dedo aqui!”, expressão que se configura como uma espécie de autoridade do brincar. Trata-se de uma convocação que agrega as crianças em torno da interação e organiza lideranças espontâneas para movimentar os corpos pelos espaços escolares — corredores, pátios externos, calçadas e a área de terra batida que compõe parte do pátio da escola.

A brincadeira é de extrema importância para o desenvolvimento da criança através da brincadeira a criança constrói sua identidade e autonomia [...] Brincar é a fase mais importante da infância do desenvolvimento humano, neste período por ser auto - ativa representação do interno a representação de necessidades e impulsos internos. (Froebel, 1912, p.54-55).

O ato de brincar é tão importante para o desenvolvimento da criança tanto quanto as necessidades básicas como comer e dormir, através da brincadeira a criança estabelece um vínculo com a realidade de normas e regras, representam formas singulares da compreensão do mundo pelas crianças. Sendo assim esta reflexão sobre a brincadeira contempla a necessidade de produções acadêmicas referentes ao brincar na fronteira oeste de Mato Grosso, na perspectiva da etnia chiquitano residentes na área urbana no município de Porto Esperidião a ser estudado e apresentado no que se refere a educação intercultural crítica e decolonialidade.

Nesse sentido, identificamos as brincadeiras realizadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso sob a perspectiva histórica, social e cultural da criança na fronteira Brasil–Bolívia, por meio

de uma proposta investigativa em que a própria criança pesquisa, junto à sua família, as formas de brincar atuais e aquelas vivenciadas por seus pais e avós.

O ato de brincar amplia minhas lentes de observação para além das crianças da área urbana de Porto Esperidião. Na Escola Indígena Chiquitano, situada na Terra Indígena Chiquitano, revelam-se outras dinâmicas de infância, marcadas por relações singulares com o espaço, o tempo e a natureza. O ambiente escolar é envolto por uma extensa área verde, sem muros que contenham os passos ou delimitem rigidamente os movimentos. Ali, não há calçadas a serem contornadas, nem barreiras que interrompam a corrida, o olhar ou a curiosidade. O chão é livre, amplo, vivo; convida ao brincar em movimento, ao contato direto com a terra, ao encontro entre corpos, árvores, vento e sol, configurando modos de viver a infância profundamente entrelaçados com o território. Nesse contexto, as crianças deslocam-se livremente pelo gramado, em movimentos amplos e contínuos. Nas proximidades das salas de aula, envolvem-se na atividade de subir em árvores com notável agilidade motora, deslocando-se pelos galhos e auxiliando a criança que permanece por último no processo de escalada. Tais ações evidenciam não apenas o desenvolvimento de habilidades corporais, mas também a construção de vínculos, práticas de cuidado mútuo e modos próprios de socialização infantil.

Ali, as crianças se lançam livremente pelo gramado, em movimento expansivo. Próximo às salas de aula, brincam de subir em árvores com notável destreza, saltando dos galhos e protegendo aquela criança que ficou por último no processo de escalada. Esses gestos revelam não apenas habilidades corporais, mas também vínculos, cuidado e modos próprios de socialização.

### **Dsenvolvimento: O Cenário do Brincar**

Ao direcionarmos o olhar para a região Sudoeste do estado de Mato Grosso, especificamente para o município de Porto Esperidião, situado na fronteira oeste do estado e que faz divisa com o território boliviano, às margens do rio Jaurú, observamos que os traços identitários de sua população se constituem a partir da diversidade local.



Essa diversidade decorre, sobretudo, da composição étnica do município, a qual se encontra marcada pela presença de diferentes grupos, com destaque para o povo indígena Chiquitano, reconhecido como a última etnia oficialmente identificada no Brasil. O povo indígena Chiquitano compõe parte significativa da diversidade étnica do município. De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2022, identificam-se 292 pessoas autodeclaradas como pertencentes a povos originários da etnia Chiquitano em Porto Esperidião.

Esses dados evidenciam não apenas a presença histórica desse povo no território, mas também a permanência de suas identidades, saberes e modos de vida, que seguem resistindo e se (re)afirmando no contexto das relações fronteiriças. Se compararmos ao senso no ano de 1991, este grupo étnico não se identifica enquanto etnia, a qual observa-se vestígios de um fortalecimento enquanto grupo a partir das famílias e de lutas por um lugar social a partir de conscientização do próprio povo, e de sua auto identificação enquanto grupo na região de fronteira com a Bolívia, que busca se fortalecer e oferecer condições de sobrevivência diante de situações com a intenção de os dizimar, assim como sua cultura e seus saberes ancestrais numa região de instabilidade e longínqua, conforme apresentado na Tabela 1, em que Mato Grosso está com aproximadamente novecentos e dois quilômetros de extensão de fronteira com a Bolívia, nessa região temos a presença de povos originários Chiquitanos.

O município de Porto Esperidião compreende o total de setenta e dois quilômetros e seiscentos metros. Mato Grosso é o segundo estado em maior dimensão de área fronteiriça o qual propicia as mais diversas situações de conflitos, dentre elas apresento neste artigo a questão que envolve o silenciamento cultural, a negação de pertencimento a um grupo étnico. Contudo, por muito tempo, os saberes do povo Chiquitano permaneceram invisibilizados nos diferentes espaços de convivência social, tanto no local de moradia quanto nas festas, na escola, na área urbana, na área rural e nos rituais religiosos. Essa invisibilização contribuiu para o silenciamento de práticas culturais, conhecimentos tradicionais e formas próprias de organização social, historicamente subalternizadas no contexto local.

**Tabela 1: Fronteiras da Bolívia com Estados do Brasil**

<b>ESTADOS</b>	<b>EXTENSÃO EM KM</b>
Acre	666
Rondônia	1.457
Mato Grosso	902
Mato Grosso do Sul	398
<b>Total</b>	<b>3.423</b>

**Fonte:** Site Ministério das Relações Exteriores

No Brasil temos uma população indígena de aproximadamente 305 etnias que falam 274 idiomas, e com o Censo de 2022 revelou um aumento de 88,96% na população indígena, equivalendo a 1.693.535 um milhão seiscentos e noventa e três mil quinhentos e trinta e cinco povos originários no Brasil, conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). No contexto da diversidade brasileira e, de modo particular, em Porto Esperidião, os povos originários Chiquitano vivenciam processos históricos de silenciamento de sua identidade. Muitos deles encontram-se inseridos na área urbana, onde, em meio às relações sociais estabelecidas, acabam por ocultar sua origem étnica como estratégia de sobrevivência e de enfrentamento às discriminações. Nesse espaço, o “branqueamento” dos corpos, dos modos de vestir e de se apresentar socialmente opera como mecanismo de negação forçada da identidade indígena.

Em contrapartida, fora do espaço urbano, especialmente em sua Terra Indígena, conhecida como Portal do Encantado, e também em comunidades situadas nos arredores do município, a ancestralidade Chiquitano reverbera com maior intensidade, manifestando-se nos modos de viver, nos rituais, nas práticas comunitárias e nas relações com o território, permitindo que esses sujeitos existam e resistam enquanto povo.

Isso tudo é fundamental quando pensamos especificamente nas sociedades indígenas, lembrando que se trata de culturas complexas, variadas, em constante interação e mudança, repletas de conflitos, com visões de mundo e práticas de vida ricas, e por vezes inspiradora, sempre interessantes e significativas. (Funari, Piñon, 2020, p.27)



Em Porto Esperidião, num cenário de conflito, lutas e um reconhecimento lento, fica localizada a Terra indígena Portal do Encantado (chiquitano), a comunidade São Fabiano, Vila Picada, Vila Asa Branca, Postinho, Pedro Neca, Bocaiuval, Vila Cardoso, formado por fazendas e lotes familiares isolados (sítios), e distribuídos entre esta divisão municipal o povo Chiquitano, silenciado e que vem se fortalecendo a partir de sua capacidade de agregar forças e amparar em políticas públicas que os ampara na saúde, educação e economia local. Um fortalecimento que parte de um grupo que se identifica e vai atrás de suas formas de se estabelecer, ao contrário não acontece.

O ideal seria que as políticas públicas atuassem no fortalecimento desses povos; contudo, nem sempre elas cumprem esse papel de maneira efetiva. Ainda que assegurem direitos formalmente garantidos, tais políticas são frequentemente acessadas em um contexto de precariedade da infraestrutura, revelando as contradições na efetivação dos direitos que, em princípio, deveriam ser universais em um cenário social marcado pela heterogeneidade.

As sociedades, então, passaram a ser consideradas heterogêneas, compostas de grupos diferentes, em interação e conflito. A diversidade passou a ser vista como um elemento central, a ponto de a Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura (Unesco) aprovar, em 2005, uma declaração enfatizando a diversidade cultural da humanidade. As identidades sociais passaram a ser encaradas com fluidas, em constante mutação, em interação umas com as outras. (Funari, Piñon, 2020, p. 26)

Diante do direito assegurado a terra, a vida e a sobrevivência, fica formada uma “fronteira Chiquitana”, na fronteira com a Bolívia as vilas de Ascención de La Frontera e Las Petas, ambas pertencentes a San Matias. No lado Brasileiro e em específico Porto Esperidião, foi identificada e delimitada no Brasil, a Terra Indígena Portal do Encantado (da etnia Chiquitano), localizado nas proximidades do Destacamento Fortuna, cuja divisa a cidade de Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade, uma região mais alta nesta parte da fronteira e as morrarias da Serra de Santa Bárbara no lado boliviano.

Na verdade, essas fronteiras sempre foram espaço em movimento. Espaços onde colonizadores, missionários, exploradores, índios, negros, contrabandistas, comerciantes, militares, entre outros, estavam envolvidos



cotidianamente nas oscilações dos conflitos de interesses das metrópoles europeias, principalmente no que diz respeito ao contrabando do ouro e da prata, estrategicamente incentivados por aqueles governos a fim de expandir seus domínios e abrir novas rotas. (Januário, 2004, p. 75)

Sendo assim, para cada grupo, esteja ele inserido na comunidade ou fora dela, faz-se necessário um lugar de aprendizagem que considere suas vivências e sua cotidianidade. Conforme os princípios que orientam nossa análise, observa-se um percurso marcado, inicialmente, pelo sentimento de ser intruso, recusado e acuado; posteriormente, pelo reconhecimento como necessário e útil; até que, então, seja possível emergir do silenciamento e compreender o “entre-lugar” como espaço de existência, tensionamento e (re)construção identitária. Na idade escolar a criança é conduzida à instituição educacional, e consigo traz seus conhecimentos prévios formulados a partir da educação familiar na informalidade, adquiridos no processo de socialização em seu grupo seio familiar.

Com a chegada da criança à escola e seu contato com outras crianças, pessoas e culturas, ela passa a vivenciar um processo educativo constituído no âmbito escolar que, muitas vezes, desconsidera a ancestralidade própria desta região de fronteira. Nessa perspectiva, o alunado é submetido a um ritual de escolarização de matriz europeia, em um ambiente ainda fortemente colonizador, orientado por práticas pedagógicas que refletem a própria formação do professor, ancorada em princípios historicamente coloniais. Trata-se de um espaço atravessado por intenções interculturais frequentemente silenciadas por uma matriz curricular igualmente colonizada, ainda que apresente fissuras de decolonialidade. Diante desse cenário, torna-se necessário decolonizar as práticas educativas, pois é nas relações humanas que a educação se constitui e se fortalece de forma verdadeiramente significativa.

Sendo assim, “o pensamento decolonial contribui para o desvelamento da violência encoberta e oculta da modernidade e realiza uma crítica a essa face, a colonialidade”. (Carvalho, p.147, 2020), A partir da observação de informações breves sobre a região de fronteira no Oeste, deparamo-nos com escolas indígenas e não indígenas que, em sua maioria, ainda se encontram estruturadas sob uma lógica

colonizadora. Tal lógica produz impactos significativos no processo educativo, uma vez que tende a desconsiderar os saberes tradicionais, as línguas, as práticas culturais e as formas próprias de aprender dos povos originários. Como consequência, reforçam-se processos de silenciamento, subalternização e negação identitária, ao mesmo tempo em que se fragiliza a construção de uma educação verdadeiramente intercultural, crítica e situada no território.

Vestígios de decolonialidade são visibilizadas embora não sejam o suficiente para amparar e acomodar a formação desta criança da fronteira na sua totalidade. Embora ela tenha a possibilidade de fortalecimento diante da família, a escola por muito tempo a silenciou ainda que a primeira estatística sensível deste município no ano de 1991, num total de 8.587 habitantes, indica que somos um município com maior quantidade de povos originários, atingindo a média de 89 %, e os demais residentes se dividiam entre 3,5% eram de São Paulo, 1,4 % de Mato Grosso do Sul, e 1,3 % de Minas Gerais.

Em 2010, no entanto 71,7 % dos 11.031 residentes, se declararam nascidos no Mato Grosso, embora tivesse ocorrido aumento da população, as migrações internas, devem ser as responsáveis por isto, pois os paulistas eram agora 9,9 % e, os mineiros eram 5,6 %, sendo 2,9 % do Mato Grosso do Sul, e de nordestinos 2,8 % da sua totalidade e assim constituem “as identidades sociais passaram a ser encaradas com fluidas, em constante transformação em interação umas com as outras. (Funari, Pinõn, 2020, p.26). Diante do cenário de oscilação da população do povo Chiquitano, torna-se necessária a compreensão desse movimento à luz do processo histórico de colonização que marca o território.

A área urbana foi colonizada num período de silenciamento do povo originário, e amplia a presença de colonizadores. Neste sentido muda-se a sua visibilidade, seu reconhecimento, reduz a sua presença embora prossigam com seu fortalecimento e neste espaço de tempo compreendido até 2010, é o momento em que foi reconhecido o seu direito a terra, através do uso de suas terras e de sua posse, com seus direitos



que deveriam ser assegurados pela legislação existente e não os fortalece enquanto povo originário.

Neste contexto, a diversidade se apresenta como possibilidade do pensar e do ser daquela pessoa que está em um determinado lugar, numa determinada região de fronteira. Sendo assim “Os índios possuem um domínio material e espiritual do mundo e que o transmitem sem escrita, sala de aula ou professores” (Funari, Piñon, 2020, p.70). Afinal se faz necessário que alunos e professores se tornem cada vez mais humanos e críticos para interferir na realidade de maneira consciente e fortalecer saberes ancestrais.

A escola por seu papel de formação da criança, adquire um potencial estratégico capaz de atuar para que os índios passem a ser considerados não apenas como um outro, a ser observado a distância e com medo, desprezo ou admiração, mas como parte deste nosso maior tesouro: a diversidade. (Funari, Piñon, 2020, p.116)

Compreendemos que a base da formação do indivíduo é a família que assegura sua ancestralidade e preserva sua diversidade, o primeiro núcleo social, enquanto que a escola complementa esta formação e os fortalece. “No Brasil, desde a restauração das liberdades civis em 1985, foram adotadas diversas medidas para garantir o direito dos índios às suas terras e ao ensino na sua própria língua, entre outros. (Funari, Piñon, 2020, p.62). Nesse sentido apresentamos esta reflexão, com ênfase na formação Intercultural, uma forma de compreender seu lugar no mundo e assim contribuir com o reconhecimento de uma etnia silenciada num longo percurso histórico de exploração e negação de seus direitos territoriais e identitários.

## **Procedimentos Metodológicos: O caminhar e o entrelaçar das fontes e dos colaboradores**

Ao que se refere as fontes podemos anunciar esta proposta de pesquisa pela opção de pesquisa qualitativa com Richardson (2012, p. 79-80), através da “busca por uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais dos fenômenos”. Ela tem caráter eminentemente exploratório, procura compreender os

aspectos subjetivos dos fenômenos e as motivações não explícitas dos comportamentos e em específico do grupo que brinca na escola. Seu enfoque é o da profundidade, ressaltando as particularidades e a complexidade dos fenômenos, comportamentos e situações. A pesquisa “quali” não busca a generalização, mas sim o entendimento das singularidades ao analisarmos dois campos de pesquisa com as escolas na área urbana do município e na escola indígena Chiquitano Acorizal.

O estudo proposto, é de cunho bibliográfico, que segundo Gil (2008) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica tem por objetivo tentar explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes entre eles, livros, artigos, manuais, enciclopédias, meios eletrônicos, fontes fundamentais para pensar as trilhas de uma pesquisa. A realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para que se conheça e analise as principais contribuições teóricas sobre brincadeiras, decolonialidade e educação.

Podemos analisar ainda que Koche (1997, p. 122) afirma que a “pesquisa bibliográfica pode ser realizada com diferentes fins sendo estes para ampliar o grau de conhecimentos em uma área específica, permitir o pesquisador compreender o problema da pesquisa”. Ainda compreender como a criança brinca o que é fortalecido nessa brincadeira.

Com os recursos da pesquisa participante, pensar o rigor científico se faz necessário para realizar o distanciamento do objeto considerando que a ciência não é neutra. Como afirma Paulo Freire, a pesquisa participante é compreendida como forma de tratar a realidade e resolver problemas locais, talvez até sugerir a organização. Enquanto ação a pesquisa participante descreve detalhes da prática, da rotina, do conteúdo, da ação dos diversos setores em análise, como forma de compreender as brincadeiras no cenário da escola na fronteira de Mato Grosso com a Bolívia. Sendo assim “compreender os seus valores, suas crenças, suas concepções cosmológicas, enfim, compreender a teia de significado em que estas comunidades

seus moradores estão imersos.” (Januário, 2004, p. 96) sendo possível o uso do recurso de entrevistas para a aproximação da ação de brincar.

### **Seguridade de nossas ações: documentos e metodologias que nos orientam**

As orientações nacionais da educação brasileira dentre elas a Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esses documentos normativos estabelecem os princípios, fundamentos e objetivos da educação nacional, assegurando o direito à educação a todos os sujeitos, respeitando a diversidade cultural, social e étnica do país. E com o desejo de contemplar a diversidade local em nossas reflexões na rotina de formação da escola, nos deparamos com a Base Nacional Comum Curricular, a qual nos assegurou a necessidade de:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p.98)

Com a intenção de prosseguir com a formação de professores na escola municipal da área urbana em Porto Esperidião, organizo a pesquisa como o objetivo de compreender a forma de pesquisar e como conduzir a ação da pesquisa em sala de aula. Pela pesquisa identifico que os professores na sua maioria brincavam de queimada, cair no poço, bolo de gude e futebol e conforme relatos a queimada era realizada na escola. As brincadeiras também se faziam presentes no espaço de moradia, sobretudo por meio de jogos como o esconde-esconde e de atividades simbólicas com bonecas, revelando formas próprias de vivenciar a infância no cotidiano doméstico. A partir desta ação é organizada a realização com os alunos da Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso.

Realizo juntamente com os professores a proposição da ação para a culminância do Projeto Escolar Família Gregoriana, edição 2023, por meio da interação entre família, comunidade e escola. A atividade foi organizada a partir de uma pesquisa desenvolvida com base em entrevistas estruturadas, aplicadas por cada aluno(a). Após a orientação inicial e o trabalho preparatório em sala de aula, os estudantes realizaram a coleta dos dados junto aos pais ou cuidadores, por meio de questões que buscaram investigar quais brincadeiras faziam parte de sua infância e quais brincadeiras seus familiares também vivenciaram. Na sequência, cada turma realizou a tabulação dos dados coletados, e a unidade escolar organizou o cômputo geral por período.

No período matutino, concentrou-se o foco da investigação, então tivemos a queimada, futebol/bola, *bet*, *ping-pong*, e tabuleiros, cair no poço, bolinha de gude, apontados pelos pais/cuidadores como as brincadeiras por eles realizadas na infância. Nas respostas das crianças, ficou definido como *ping-pong*, boneca, carrinho, bola/futebol e jogos eletrônicos, os mais votados. O *ping-pong* aparece por ser um jogo/brincadeira realizado na escola no cotidiano de horário de entrada, intervalo e em ocasiões das aulas de educação física. Uma das respostas que mais chamou nossa atenção foi a de uma família que indicou, como brincadeira da criança, o ato de tocar caixa, instrumento utilizado nas apresentações do Curussé.

“O Curussé ou carnavalito é uma dança que acontece todos anos, misturando a religiosidade católica popular com a festa carnavalesca” (Grando e Silva, p.53,2005), realizada por famílias cuja etnia é descendente de chiquitano e reside na área urbana. Uma festa cujo sentido é o fortalecimento da ancestralidade, mas que é transvestido de rituais da igreja católica como a oração, o terço e o culto a imagens do santo de devoção do dono da casa que recebe a festa. Sendo também a característica que a define enquanto dança é a circularidade ao dançar, o corpo se movimenta em ritmo próprio que acompanha as batidas da caixa a melodia do fifano e expressa a ancestralidade indígena.

No decorrer da pesquisa, evidenciou-se o fortalecimento da ancestralidade quando uma das crianças afirma que “toca a caixa” e que ocupa uma posição de autoridade na festa do Curussé. Esse relato revela a presença viva de práticas culturais que atravessam sua formação, constituídas no âmbito familiar e comunitário. Sendo assim, torna-se possível visualizar a força da formação cultural fornecida pela família, que se desdobra também nas ações realizadas no espaço escolar. Isso se manifesta, por exemplo, quando as famílias participam da escola para apresentar e compartilhar brincadeiras do passado e do presente, ativando memórias, reafirmando identidades e dialogando com as experiências lúdicas das crianças.

### **A presença das famílias na escola: entre a pesquisa e a ação**

Na idade escolar, a criança é conduzida à instituição educacional pela família e, consigo, traz conhecimentos já constituídos na informalidade, adquiridos no seio familiar e nas experiências cotidianas. Ao ingressar na escola e estabelecer contato com outras crianças, culturas e saberes, passa a integrar um espaço em que o currículo escolar se configura como referencial orientador do fazer pedagógico do professor. Diante desse cenário, organizamos a execução do projeto, articulando os conhecimentos trazidos pelas crianças com as propostas formativas do contexto escolar. Com a tabulação das questões então foi realizado no dia 18 de maio nos períodos matutino e vespertino o projeto Família Gregoriana, neste ano com os jogos e brincadeiras apontados pela família de cada aluno (a) matriculado. Através da Figura 1 a organização da brincadeira de queimada uma das sugestões das famílias colaboradoras da pesquisa.

**Figura 1:** O pai de uma aluna organiza a queimada, e a mãe que ajuda a determinar as regras de realização do jogo.





**Fonte:** Arquivos da escola (2023)

Em nossos estudos de formação, analisamos o Plano Nacional de Educação (PNE), que enfatiza a importância da diversidade no ambiente escolar e o combate a qualquer forma de discriminação. Nesse sentido, reforçamos aqui a relevância da proximidade com as famílias e de sua presença ativa em nosso contexto escolar, pois compreendemos que uma educação comprometida com a qualidade exige o fortalecimento do respeito a si e ao outro, bem como a rejeição de qualquer atitude discriminatória ou violação dos direitos da criança e do cidadão. Trata-se de construir um convívio pacífico, criativo e enriquecedor entre os diferentes que compõem a comunidade escolar.

Assim, justificamos a presença das famílias em nossa proposta de trabalhar o brincar a partir de atividades realizadas com todas as crianças da escola, cujo objetivo foi compreender tanto a diversidade existente no contexto escolar quanto as múltiplas formas de brincar. A organização dessa ação, construída coletivamente com diferentes atores da escola, revela que o brincar se fortalece quando ultrapassa os limites da sala de aula e convoca a comunidade a participar. Os dados, apresentados na Figura 2, evidenciam a participação ativa das crianças, como no caso da aluna que expressa, por meio das faces de contentamento registradas na atividade, sua alegria e envolvimento no processo.

**Figura 2:** Pais/cuidadores na sala com jogos de tabuleiro, acompanhados de alunos (as)



**Figura 2:** Arquivos da escola (2023)

O ato de brincar é tão essencial ao desenvolvimento infantil quanto as necessidades básicas, como alimentar-se e dormir. Por meio da brincadeira, a criança não apenas experimenta prazer e espontaneidade, mas também estabelece vínculos com a realidade social que a cerca. É no brincar que ela internaliza normas, regras, limites e possibilidades, exercitando formas singulares de interpretar, representar e ressignificar o mundo. A brincadeira constitui, portanto, um espaço privilegiado de elaboração simbólica, onde a criança mobiliza sentimentos, memórias, saberes familiares e experiências socioculturais. Nesse processo, desenvolve a imaginação, a criatividade, a linguagem, a motricidade e, sobretudo, a capacidade de interação com o outro. O brincar também amplia repertórios, favorece a autonomia e permite à criança experimentar papéis sociais, ensaiar comportamentos e compreender dinâmicas coletivas.

Além disso, em contextos interculturais, como o da fronteira Brasil–Bolívia, o brincar assume uma dimensão ainda mais potente, torna-se veículo de transmissão de valores, tradições e práticas ancestrais. Ao brincar, a criança evidencia marcas de sua identidade cultural e compartilha modos de ser e viver herdados de sua família e comunidade. Assim, o brincar se apresenta como uma linguagem própria da infância e como um caminho fundamental para compreender como as crianças significam sua realidade e se posicionam no mundo.



Os jogos e brincadeiras são altamente produtivos para a criança, visando a sua formação plena e o seu desenvolvimento integral, pois a criança se forma e se desenvolve brincando, seja em casa, na escola, no parquinho ou em qualquer outro ambiente, o ato de brincar envolve todo um processo positivo na vida da criança, os jogos e brincadeiras facilitam a apreensão da realidade de uma forma criativa e divertida. Kishimoto ao falar sobre a importância do jogo afirma que: O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola. (Kishimoto, 1999, p. 13).

O ato de brincar é tão essencial ao desenvolvimento infantil quanto necessidades básicas como alimentar-se e dormir. Por meio da brincadeira, a criança estabelece vínculos com a realidade, internaliza normas e regras, experimenta papéis sociais e expressa maneiras singulares de compreender o mundo. Trata-se de um espaço privilegiado de elaboração simbólica, onde mobiliza saberes familiares, experiências socioculturais e marcas de sua identidade. Ainda assim, a proposta se efetiva ao centrar-se na observação do desenvolvimento integral da criança, promovendo uma aprendizagem significativa que, ao mesmo tempo, seja divertida e prazerosa. Dessa forma, o brincar deixa de ser apenas uma atividade complementar e passa a constituir um eixo formativo fundamental, capaz de articular dimensões cognitivas, afetivas, corporais, culturais e sociais, especialmente em contextos interculturais como o da fronteira Brasil–Bolívia.

A brincadeira é uma atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típico da vida humana enquanto todo – da vida natural/interna do homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, e paz com o mundo (...) A criança que brinca sempre, com determinação autoativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção de seu bem e dos outros... O brincar, em qualquer tempo, não é trivial, é altamente sério e de profunda significação” (Kishimoto, 1999, apud Froebel, p.23).

A brincadeira proporciona inúmeras possibilidades de interação com as demais crianças, trazendo uma grande variedade de conhecimento e aprendizado. Abramowicz (1995) explica, que “(...) os pequenos aprendem a brincar com os outros, por isso a importância do incentivo à brincadeira, a qual possibilita o desenvolvimento

da autonomia, da cooperação e da criatividade”. Por isso a importância da brincadeira na infância. “A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça” (Brougère, 2001, p. 105).

Dessa forma, evidencia-se que a criança não precisa necessariamente de um brinquedo específico para brincar, uma vez que ela tem a capacidade de se estimular com qualquer objeto, no local onde ela está e o com o que ela encontre como possibilidade de brinquedo ou de elementos de um jogo.

### **Alagumas considerações**

Assim, entende-se que é importante preservar a liberdade e a flexibilidade, necessárias para avaliar atitudes e comportamentos no ato de brincar, isso nos permite compreender histórias de vida, práticas pedagógicas, modos de brincar e processos de fortalecimento do povo originário Chiquitano — base social de Porto Esperidião, sustentáculo da fé local e expressão de alegria presente, por exemplo, na festa e na dança do Curussé.

Evidencia – se que mesmo estando situado a aproximadamente 120 km da área urbana e confinado na Terra Indígena Portal do Encantado, o povo Chiquitano mantém viva sua identidade e projeta força para além de seu território. A escola, nesse contexto, precisa responder às necessidades desse povo, atuando como espaço de resistência, preservação cultural e afirmação identitária. Dessa forma, ela também contribui para o fortalecimento daqueles que, mesmo não vivendo diretamente na comunidade, reconhecem nela uma fonte de pertencimento, memória e continuidade histórica de um grupo historicamente condenado à dizimação, mas que segue presente e atuante na constituição de outros povos e lugares.

Nesse sentido o desafio da docência neste cenário educacional de heterogeneidade aqui na fronteira de Mato Grosso é compreender a criança e a forma como ela resiste, como ela se desenvolve e como ela estabelece as relações entre educação e resistência dentro da perspectiva intercultural crítica, no seu meio social

familiar que cuida, educa e orienta de forma diferenciada mas que preza a sua base familiar e seus saberes formados por sua cultura local que recriam, interagem, vivem e se fortalece, expressam seus modos de ser, dão sentido à vida local e compreendem o mundo por meio de sua cotidianidade nos ensinam a ser Chiquitano.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

CARVALHO, Rayann Kettuly Massahud de. **A utopia decolonial: o projeto transmoderno, pluriversal e o direito à diferença de igualdade**. Percurso, Florianópolis, v.21, p. 130 – 152. /dez.2020.

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

GRANDO, Beleni S. **Cultura e Dança em Mato Grosso: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na Região de Cáceres**. Cuiabá: Central de Texto, 2002.

JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. 2004. **Caminhos da Fronteira. Educação e Diversidade em Escolas da Fronteira Brasil-Bolívia**. Ed.Unemat, Cáceres-MT.

KISHIMOTO, T. M. (apud Froebel). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 3ªed. São

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da Ciência e Iniciação à pesquisa**. 22ª ed. Rio de Janeiro, 2004.

Paulo: Cortez, 1999.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999

TASSINARI, A. M. I. **Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras da educação**. In: LOPES da SILVA, A.; FERREIRA, M. K. L. (Org.) Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001.

Data da submissão: 28/09/2025

Data do aceite: 02/12/2025